

NDICE DAS MATÉRIAS

Introdução

‘áginas

VII

A GRANDE CRISE DO LIBERALISMO E O DECLÍNIO DA EUROPA OCIDENTAL

Primeira parte — A LUTA DOS IMPERIALISMOS, PROVOCANDO A GUERRA DE 1914-1918, PÕE TERMO À SUPREMACIA DA EUROPA E À ERA DA ECONOMIA LIBERAL

LIVRO

O Japão empreende a luta pela hegemonia no Extremo Oriente

CAPÍTULO I — *A guerra russo-japonesa dá o primeiro golpe no prestígio mundial da Europa, iniciando a crise do Império inglês e provocando a revolta russa de 1905*

A guerra russo-japonesa assegura ao Império nipónico a preponderância na China.

O equilíbrio mundial em 1904, pág. 5. — A guerra russo-japonesa, pág. 7. — A paz de Portsmouth dá ao Japão a supremacia no Extremo Oriente, pág. 8. — A Inglaterra e o Japão renovam por dez anos a sua aliança, pág. 8. — O Japão anexa a Coreia, pág. 8. — O Japão torna-se elemento essencial no equilíbrio das potências, pág. 9.

A vitória japonesa suscita a crise do Império inglês na Índia

3. *A derrota lança o Império russo na revolução, que procura instituir o regime constitucional.*

A política russa de 1881 a 1904, pág. 12. — A guerra provoca dupla revolução, liberal e marxista, pág. 13. — A autocracia recua perante a revolução liberal, pág. 14. — A Rússia adopta um regime constitucional, pág. 15.

CAPÍTULO II — *As vitórias japonesas acordam o Extremo Oriente da sua letargia*

1. *A revolução chinesa põe termo à monarquia, arrastando a China para a ditadura e a anarquia*

A vitória do Japão sobre a Rússia suscita na China uma política de reformas, pág. 17. — Constitui-se o partido nacionalista e republicano — o *kuo-min-tang*, pág. 18. — As províncias marítimas fazem uma revolução liberal e constituem-se em república, pág. 19. — Yuan-Chi-Kai procura reunificar a China como monarquia parlamentar, pág. 20. — A República Chinesa, pág. 20. — As potências, incluindo o Japão, impõem à República Chinesa o seu controle financeiro, pág. 21. — Yuan-Chi-Kai impõe à república a sua ditadura, pág. 22. — O Japão e a Rússia partilham a Mongólia, pág. 22. — O Tibete cai sob a influência da Inglaterra, pág. 23. — A revolução leva a China à anarquia, à ditadura, ao desmembramento e a uma tutela internacional, pág. 24. — A influência ocidental na China, pág. 25.

2. *O Japão perante a revolução chinesa.* 26

A penetração do socialismo no Japão, pág. 26. — O partido liberal procura em vão reagir contra a política imperialista dos clãs, pág. 27.

3. *O progresso da Indochina e da Birmânia, sob a administração da França e da Inglaterra* 27

A Indochina evolui favoravelmente sob a administração francesa, pág. 27. — O desenvolvimento económico da Birmânia, pág. 28.

4. *No Reino do Sião inicia-se a era das reformas* 29

LIVRO II

A luta entre os Impérios continentais pela hegemonia europeia

CAPÍTULO III — *No meio das crises, a Europa divide-se em dois grupos antagónicos*

1. *A Alemanha esforça-se inutilmente por destruir a «entente» anglo-francesa, provocando uma crise a respeito de Marrocos (1905).* 31

Reacção alemã ao acordo anglo-francês de 1904, pág. 31. — A conferência de Algeciras, pág. 32.

2. *A formação da triplíce «entente»* 33

A Inglaterra e a França estabelecem um plano comum de acção na eventualidade duma guerra, reagindo contra a política naval da Alemanha, pág. 33. — A segunda conferência da paz redonda num malogro, pág. 34.

- A Inglaterra tenta, sem resultado, fazer um acordo com a Alemanha para a limitação dos armamentos navais, pág. 34. — Para resistir ao imperialismo alemão a Inglaterra aproxima-se da Rússia, pág. 34. — O tratado anglo-russo de 1907, pág. 35. — A triplíce entente da França, da Inglaterra e da Rússia, pág. 36.
3. *A Áustria-Hungria provoca uma crise internacional anexando a Bósnia-Herzegovina (1908-1909)* 36
- A posição dos Estados balcânicos em relação às potências, pág. 36. — A revolução dos «Jovens Turcos» procura modernizar a Turquia e torná-la independente, pág. 38. — A Áustria-Hungria anexa a Bósnia-Herzegovina, pág. 39. — A anexação da Bósnia-Herzegovina provoca uma crise da Triplíce Entente e leva a Triplíce Aliança a uma política de hegemonia europeia, pág. 40.
4. *A segunda crise marroquina (1911)* 42
- O imperialismo alemão entre a guerra e a paz, pág. 42. — A segunda crise marroquina, pág. 46.
5. *A guerra da Tripolitânia e as guerras balcânicas (1911-1913) dão início a nova crise europeia*
- A revolução turca provoca viva agitação entre as populações cristãs da Turquia e dos Balcãs, pág. 49. — A Itália anexa a Tripolitânia e a Cirenaica, ocupa Rodas e as ilhas do Dodecaneso, pág. 50. — A Bulgária, a Sérvia e a Grécia preparam, sob a égide da Rússia, a guerra contra a Turquia, pág. 50. — A guerra da aliança balcânica contra a Turquia, pág. 51. — As vitórias da aliança balcânica suscitam o perigo duma guerra entre as potências europeias, pág. 51. — A França promete à Rússia o seu apoio em caso de guerra, pág. 52. — A Triplíce Aliança é renovada, pág. 52. — A Inglaterra afasta a ameaça duma guerra geral, pág. 54. — A conferência de Londres, pág. 54. — Segunda guerra balcânica, pág. 55. — A paz de Bucareste, pág. 55. — Nova ameaça de guerra, em Outubro de 1913, revela a vontade alemã de provocar o conflito, pág. 56.

CAPÍTULO IV *A Europa encaminha-se para a guerra*

— A configuração política nas vésperas da guerra

1. *A Áustria-Hungria e o Império alemão decididos à guerra* 57
- O movimento das nacionalidades desagrega o Império austro-húngaro, pág. 57. — A fim de sobreviver, a Áustria-Hungria decide-se a destruir pela guerra a ameaça que a Sérvia constitui para a sua unidade, pág. 61. — A ameaça da crise económica e a ideologia pangermanista impelem a Alemanha para a guerra, pág. 61.
2. *A política imperialista e irredentista da Itália* 67
- A aliança da Itália com os Impérios centrais resulta duma política imperialista e antifrancesa, pág. 67. — Os interesses económicos da Itália aproximam-na da França, pág. 68. — As ambições italianas nos Balcãs são momentaneamente favoráveis à «entente» com a Áustria, pág. 68. — A política de solidariedade mediterrânea da Itália com Paris e Londres, pág. 69.

- | | Páginas |
|---|---------|
| 3. <i>A aliança com a Rússia arrasta as potências da Triplíce Entente para o conflito entre os imperialismos dos Impérios continentais</i> | 70 |
| <p>A França oscila entre a politica continental e a politica marítima, pág. 70. — A aliança com a Rússia determina a orientação continental da França, pág. 71. — A sua falência interna torna precária a aliança com a Rússia, pág. 72. — A «entente» franco-italiana constitui uma solidariedade baseada na identidade de civilização, pág. 73. — A Inglaterra liberal deseja a paz, pág. 73. — Londres tenta uma aproximação com a Alemanha graças a concessões coloniais, pág. 73. — O carácter híbrido da Triplíce Entente, pág. 74.</p> | |
| 4. <i>A Inglaterra e a França evoluem para reformas de estrutura</i> | 75 |
| <p>Sob a influência do «Labour Party» o radicalismo conduz a Inglaterra por novo caminho constitucional, pág. 75. — Tal como a Inglaterra a França inicia reformas de estrutura, pág. 77. — A C. G. T. recusa-se a qualquer forma de colaboração com o governo e assume uma atitude revolucionária, pág. 79.</p> | |
| 5. <i>As pequenas nações ocidentais, fiéis ao parlamentarismo, procuram manter-se à margem dos conflitos internacionais</i> | 80 |
| <p>A Holanda, potência económica e colonial, e a sua politica de neutralidade, pág. 80. — A Bélgica, tornando-se grande potência colonial, vê-se ameaçada pelo imperialismo alemão, pág. 81. — A República Helvética, pág. 84. — As monarquias escandinavas, pág. 85.</p> | |
| 6. <i>A Espanha e Portugal procuram o equilibrio no parlamentarismo</i> | 85 |
| <p>A Espanha evolui para as instituições parlamentares, pág. 85. — Em Portugal, é derrubada a monarquia, substituída por uma república que não consegue encontrar o equilibrio, pág. 87.</p> | |
| 7. <i>Nos Balcãs, o Império Otomano desagrega-se em face dos países cristãos, que tentam estabelecer instituições de modelo ocidental.</i> | 88 |
| <p>A Turquia, sob a ditadura de Enver Pachá, sofre a influência da Alemanha, pág. 88. — Os países cristãos dos Balcãs, todos dominados pela sua politica irridentista, acham-se no centro dos conflitos internacionais, pág. 88.</p> | |

II — A Europa é surpreendida pela guerra no momento do seu apogeu económico

A Europa possui o dominio económico e financeiro do mundo, pág. 89. — Os Estados Unidos e a Alemanha ameaçam a primazia económica da Inglaterra, pág. 90. — A França não participa do imenso surto da produção, pág. 91. — A concentração impõe-se à organização económica, pág. 91. — O nacionalismo contraria o carácter internacional da economia, pág. 92.

LIVRO III

*A guerra de 1914-1918*CAPÍTULO V — *Os Impérios centrais arrastam a Europa para a guerra*I — *A conjuntura internacional*

Páginas

1. *O imperialismo dos Impérios continentais conduz à guerra* 95
- Os Impérios continentais aceitam a eventualidade da guerra, pág. 95. — A aliança franco-russa arrasta o Ocidente, apesar de lhe ser alheio, para o conflito iminente entre os Impérios continentais, pág. 96. — Os Estados Unidos tentam em vão deter a corrida aos armamentos, pág. 97. — As massas operárias permanecem, salvo na França, inertes perante a ameaça da guerra, pág. 98.

2. *A crise de Julho de 1914* 98

II — *A guerra*

1. *A Alemanha vê malograda a sua tentativa de guerra relâmpago* 102
- Beligerantes e neutrais, pág. 102. — As forças em presença, pág. 103. — O malogro do plano de guerra alemão, pág. 103. — Os Estados Unidos preconizam uma paz de *statu quo ante*, pág. 104.

2. *As potências perante a necessidade duma guerra longa* 105
- A Entente decreta o bloqueio da Alemanha, que responde com a guerra submarina, pág. 105. — A Alemanha organiza uma economia estatista, pág. 105. — Na Áustria, o poder militar torna-se onnipotente, enquanto na Hungria as nacionalidades não magiares são oprimidas, pág. 105. — A França e a Inglaterra mantêm as suas instituições parlamentares, pág. 106. — O governo belga obtém do parlamento a delegação do poder legislativo, pág. 106. — O Império russo agrava o seu autoritarismo, pág. 106. — A fim de obter acesso à Rússia, a Inglaterra e a França organizam desastrosa campanha contra os Dardanelos, pág. 107. — A Itália entra na guerra ao lado da Entente, pág. 108. — A Entente sofre pesados revezes em todas as frentes, pág. 108. — A Bulgária entra na guerra contra a Entente, pág. 109. — A influência dos acontecimentos na política interna das potências, pág. 109. — Os objectivos imperialistas da Alemanha, pág. 110. — Os Impérios centrais tentam um ataque decisivo, pág. 111. — A Entente toma a ofensiva, e a Roménia alinha a seu lado, pág. 112.

3. *As primeiras crises* 112
- A actividade do socialismo revolucionário, pág. 112. — A crise agrava-se na Rússia, pág. 113. — A sublevação irlandesa, pág. 114. — Esboça-se na Hungria uma opposição nacional à guerra, no momento da sucessão de Francisco José, pág. 114.

4. *O desenvolvimento dos imperialismos europeus* 115
- A Alemanha faz propostas de paz (Dezembro de 1916) que levam os Aliados a declarar os seus objectivos de guerra, pág. 115. — A França faz um tratado secreto com a Rússia, deixando-lhe liberdade de acção na

Polónia em troca do seu apoio à criação de um país renano autónomo, pág. 115. — A Inglaterra promove uma política imperialista na África e no Extremo Oriente, pág. 116. — A Alemanha destrói as fábricas dos países ocupados, pág. 117. — A Alemanha tenta destruir a Bélgica, criando um Estado nacional flamengo, pág. 118. — A Áustria anuncia a criação dum Estado polaco independente, pág. 119.

est

O Japão apodera-se das possessões alemãs na China e no Pacífico, pág. 119. — O domínio japonês na China, pág. 119. — A China cai novamente na anarquia, pág. 120. — O Japão faz uma aliança com a Rússia dirigida contra as potências ocidentais, pág. 121. — O conflito entre as «Duas Chinas», pág. 121.

A influência da guerra sobre a situação interna nas duas Américas pág. 121. — A guerra submarina ameaça os interesses dos Estados Unidos pág. 122. — A Alemanha faz esperar ao México a restituição dos territórios cedidos em 1848 aos Estados Unidos, pág. 123. — O declaram guerra à Alemanha, pág. 123.

.O VI R

A falta de abastecimentos provoca em Petrogrado tumultos que formam em insurreição, pág. 124. — Nicolau II abdica e a Rússia uma república, pág. 124. — O governo provisório toma feição liberal e continua a guerra, pág. 125. — Lenine entra em cena, pág. 125. — Os alemães deixam Lenine alcançar a Rússia, pág. 126. — A derrota da frente russa coincide com grandes derrotas sofridas pelos Aliados, pág. 126. — A ameaça da guerra submarina é afastada, pág. 127. — Revolução da revolução russa, pág. 127. — O receio do contágio revolucionário voca um movimento em favor da paz, pág. 128. — Na Rússia, os bolchevistas suplantam os liberais, pág. 130. — A revolução marxista, pág. 130. — A Rússia assina a paz de Brest-Litovsk, pág. 133. — A capitulação da Roménia, pág. 134.

derrocada dos Impérios

Os Estados da Entente preparam-se para a luta decisiva, pág. 135. — O presidente Wilson formula os «14 pontos», pág. 135. — Malograda tentativa dos Impérios centrais para realizar um ataque decisivo, pág. 137. — Os aliados passam à ofensiva em todas as frentes, pág. 138. — A capitulação da Bulgária, pág. 138. — A derrota provoca a abdicação do imperador Guilherme II, pág. 138. — A Turquia capitula, pág. 139. — A Hungria desagra-se e capitula, pág. 139. — No Império austro-húngaro desmantelado, os Estados nacionais organizam-se, pág. 141. — O prelo tenta a capitulação, pág. 137. — A capitulação imperial, pág. 137. — A capitulação austro-húngara, pág. 137.

Os armistícios

A desorientação dos aliados perante a derrocada dos Impérios, pág. 141. — A assinatura dos armistícios de Rethondes, pág. 142.

	Páginas
CAPÍTULO VII — <i>A Europa entre o liberalismo e o autoritarismo</i>	145

A evolução democrática que levara nos países ocidentais ao triunfo do liberalismo reforça na Rússia o autoritarismo, pág. 145. — O desmembramento da Áustria, pág. 147. — A crise do Império alemão, pág. 148. — Os países ocidentais mantêm-se, sem crise, fiéis às suas instituições parlamentares, pág. 148. — A Europa Central oscila entre as tendências ocidentais e as soviéticas, pág. 149. — Moscovo tenta organizar a revolução mundial, pág. 149. — A revolução comunista e o estabelecimento da república na Alentanha, pág. 150. — A revolução comunista na Hungria, pág. 152. — Moscovo tenta provocar uma revolução comunista nos Balcãs, pág. 153.

LIVRO IV

O tratada de Versalhes e o reagrupamento político da Europa

CAPÍTULO VIII — *A Sociedade das Nações e os tratados*

1. <i>A organização da Sociedade das Nações procura o equilíbrio mundial nos princípios do parlamentarismo</i>	155
--	-----

Os «quatro grandes» arrogam-se o direito de reconstruir o mundo, pág. 155. — A Conferência da Paz é dominada pela ideologia liberal do presidente Wilson, pág. 156. — A Sociedade das Nações devia ser a cúpula do edifício universal das instituições liberais, pág. 156.

2. <i>Os tratados procuram reconstruir a Europa de harmonia com o princípio das nacionalidades</i>	158
--	-----

A conferência de Paris, pág. 158. — Tratado de Versalhes, pág. 160. — A República alemã reage contra o tratado, pág. 163. — Os tratados de Saint-Germain e de Trianon consagram o fim do Império austro-húngaro, mas não satisfazem todas as exigências da Itália, pág. 164. — A reconstrução do Sudoeste da Europa. A Checoslováquia reúne um mosaico de povos, pág. 165. — A Jugoslávia reúne os sérvios ortodoxos e os croatas católicos, pág. 166. — A Roménia inclui importantes minorias nacionais, pág. 167. — O tratado de Neuilly desapossa a Bulgária de importante parte do seu território em benefício da Jugoslávia, da Grécia e da Roménia, pág. 167.

CAPÍTULO IX — *Os aliados perante o problema russo e o problema otomano*

I — O desmembramento da Rússia e a estabilização da revolução comunista

1. <i>A Finlândia e os países bálticos obtêm a independência</i>	168
2. <i>A revolução russa organiza-se</i>	170

A ditadura terrorista, pág. 170. — A Constituição de Julho de 1918, pág. 171.

3. <i>Os Sovietes ganham a guerra civil</i>	172
---	-----

Os aliados apoiam, sem plano, a guerra civil contra os Sovietes, estabelecendo zonas de intervenção na Rússia, pág. 172. — Os Sovietes reconquistam a Rússia, pág. 174.

4. *A Polónia reivindica territórios que excedem largamente as suas fronteiras naturais*

Pilsudski proclama a República da Polónia, pág. 175. — A Polónia reivindica fronteiras que não estão de harmonia com as instruções dos aliados, pág. 175.

II — *A ruína do Império Otomano suscita, à margem da Conferência de Paris, uma política imperialista por parte das potências vitoriosas*

O imperialismo britânico tenta lançar mão dos petróleos de Baku, pág. 176. — A Inglaterra, os Estados Unidos e a França dividem entre si os petróleos do Próximo Oriente, ficando a primeira com a parte principal, pág. 178. — Os imperialismos políticos da Inglaterra e da França defrontam-se na Ásia Anterior e na Grécia, pág. 180. — O Conselho Supremo aliado convida os Gregos a desembarcar em Esmirna, pág. 181.

CAPÍTULO X — *O sistema elaborado pela Conferência de Paris é destruído pela recusa dos Estados Unidos em aceitar o Tratado de Versalhes e pelo desaparecimento da solidariedade entre os aliados*

I — *Os Estados Unidos recusam-se a aceitar o Tratado de Versalhes*

II — *A defeção dos Estados Unidos abre o caminho à diplomacia do facto consumado*

1. *Os problemas russo e polaco são decididos por meio da guerra*

A Polónia ataca a Rússia para levar as suas fronteiras até à Ucrânia e à Bielorrússia, pág. 184. — Varsóvia entra em guerra contra a Rússia a fim de fixar as suas fronteiras, pág. 185. — Weygand salva a Polónia de ser soviétizada, pág. 185. — O tratado de Riga estabelece a fronteira entre a Rússia e a Polónia, pág. 185. — A guerra civil termina pelo triunfo da revolução, pág. 185. — A revolução estabilizada, pág. 186. — A Polónia renasce como grande potência, pág. 187. — Vilna é anexada pela Polónia, e Memel pela Lituânia, pág. 188.

2. *Os novos Estados do Leste europeu aliam-se espontaneamente com receio ao imperialismo das potências das quais se separaram*

A Checoslováquia, a Jugoslávia e a Roménia formam uma «Pequena Entente» para mútua garantia da sua segurança, pág. 189.

3. *Pelo tratado de Sèvres, os Aliados destroem o Império Otomano e dividem a Turquia em zonas de influência*

Os Aliados partilham os despojos do Império Otomano, pág. 190. — Fayçal proclama-se rei da Síria e Abdallah é reconhecido como rei do Iraque, pág. 190. — A França e a Inglaterra partilham os mandatos sobre as antigas províncias otomanas, na conferência de S. Remo, pág. 191. — Mustafá Kemal organiza a resistência turca, pág. 191. — O tratado de Sèvres desmembra o Império Otomano e reduz a Turquia a protectorado, pág. 191. — Mustafá Kemal revolta-se contra o tratado de Sèvres e empreende a reconstrução da Turquia, pág. 192. — A rivalidade anglo-francesa no Próximo Oriente e a intervenção grega contra Mustafá Kemal, pág. 194. — Os Gregos repõem no trono o rei Constantino, apesar do veto da França, pág. 195.

4. *A guerra greco-turca provoca a proclamação da república na Grécia e na Turquia* 196

A guerra greco-turca opõe a França à Inglaterra e termina pela derrota da Grécia, pág. 196. — A proclamação da república turca sob a ditadura de Mustafá Kemal, pág. 197. — A paz de Lausana afasta definitivamente os Gregos da Ásia Menor e provoca a proclamação da república na Grécia, pág. 197. — A luta dos imperialismos no Próximo Oriente, pág. 198.

- CAPÍTULO XI — *O mundo depois dos tratados* 199

Na Rússia está em gestação um mundo novo que os tratados não tiveram em conta, pág. 199. — A destruição do Império austro-húngaro não resolveu o problema das nacionalidades, pág. 200. — A Alemanha continua a ser a maior potência do continente, pág. 200. — O enfraquecimento da França, pág. 201. — Somente os países parlamentares conservaram as suas instituições. Em todos os outros países está em gestação uma crise interna, pág. 201. — A guerra engrandeceu o Império Britânico, pág. 202. — A questão internacional cria tensão entre a França e a Inglaterra, pág. 202. — A Itália procura obter territórios para povoar, pág. 203. — A Inglaterra já não é a primeira entre as potências, pág. 203. — A hegemonia mundial dos Estados Unidos, pág. 203. — O Japão ganha categoria de grande potência naval, pág. 204. — O nacionalismo alcança a China, pág. 204. — A ocidentalização da Turquia e o nacionalismo dos povos muçulmanos, pág. 204. — Prenuncia-se novo equilíbrio mundial, pág. 205. — A Sociedade das Nações, que se destinava a ser instrumento de colaboração de todos os povos emancipados, revela-se impotente, pág. 206. — A conferência dos embaixadores sobrepõe à S. D. N. a autoridade das grandes potências, pág. 207. — O tratado de Versalhes não substituiu nenhum novo equilíbrio àquele que fora destruído, pág. 208. — A Europa perdeu a primazia económica, pág. 209. — A Europa transformou-se do ponto de vista social, pág. 211. — A decadência intelectual na Europa e no mundo, pág. 211.

**Segunda parte — FORMA-SE UMA CORRENTE
DE DEMOCRACIA TOTALITÁRIA
QUE SE PREPARA PARA DISPUTAR
AO LIBERALISMO A HEGEMONIA MUNDIAL**

LIVRO V

A hegemonia das potências marítimas

- CAPÍTULO XII — *A supremacia mundial dos Estados Unidos*

1. *O presidente Wilson impõe aos beligerantes o tratado de Versalhes, que os Estados Unidos repudiam, regressando ao isolacionismo* 215

Antes de 1914, a política dos Estados Unidos estava orientada para o Pacífico, pág. 215. — Os Estados Unidos dominam o mundo pelo seu poderio económico, pág. 215. — Wilson abre novos caminhos à política mundial, pág. 217. — Os Estados Unidos prometem a independência às

Filipinas, pág. 217. — A *omnipotência de Wilson na conferência de Paris*, pág. 218. — Para salvar a S. D. N. Wilson sacrifica o anticolonialismo e a política hegemónica dos Estados Unidos no Pacífico, pág. 219 — Os Estados Unidos recusam-se a ratificar o tratado de Versalhes, pág. 219. — A eleição presidencial leva ao poder o republicano Harding, pág. 221. A paz separada com a Alemanha, pág. 222.

2. *A prosperidade que deveram à guerra reforça a política isolacionista dos Estados Unidos* 222

O aumento demasiado rápido da prosperidade provoca crises sociais e morais, pág. 222. — A prosperidade do período da guerra sucede a crise de 1920, pág. 225. — O movimento de reivindicações sociais alastra, pág. 226. — A imigração para os Estados Unidos é quase inteiramente proibida, pág. 227.

3. *Os Estados Unidos afirmam, na conferência de Washington, a sua decisão de exercerem a hegemonia marítima, principalmente no Oceano Pacífico* 227

A conferência de Washington impõe a supremacia naval dos Estados Unidos, pág. 227.

4. *A Europa reconhece a hegemonia americana, mesmo após a recusa do Congresso em ratificar o tratado de Versalhes* 230

Esboça-se um movimento favorável ao contacto com as instituições internacionais, pág. 230. — Sob a presidência de Coolidge os Estados Unidos voltam ao isolacionismo. A arbitragem americana na questão das reparações, pág. 231. — Washington recusa-se a aderir ao Tribunal Permanente de Justiça Internacional de Haia, pág. 233. — Briand tenta chamar novamente os Estados Unidos ao concerto internacional das potências, por meio do pacto Briand-Kellog, pág. 234. — A eleição de Hoover para a presidência reforça a política isolacionista, pág. 234. — A hegemonia americana resulta do seu poderio económico, da sua força naval e do prestígio que lhe dá a sua riqueza, pág. 236.

CAPÍTULO XIII — *A América em face dos Estados Unidos*

1. *Washington impõe a sua supremacia no Mar das Antilhas* 237

Os Estados Unidos estabelecem com o Canadá uma política de amizade que tem em vista integrá-lo numa estreita solidariedade americana, pág. 237. — Washington impõe a sua supremacia no Mar das Antilhas, pág. 238. — Forma-se sob a égide de Washington a União Pan-Americana, pág. 239. Nas vésperas da sua intervenção na guerra mundial os Estados Unidos evacua o México, onde se dá uma revolução social, pág. 240. — Os Estados Unidos intervêm na guerra, arrastando consigo as repúblicas latinas sujeitas à sua influência, pág. 242.

2. *A política pan-americana tende para a constituição duma verdadeira sociedade das nações* 242

Washington convoca em 1923 nova conferência das repúblicas da América Central, pág. 242. — A conferência pan-americana de Santiago do Chile levanta o problema da independência das repúblicas latinas em relação

a Washington, pág. 243. — Os Estados Unidos renunciam ao intervencionismo, pág. 243. — Reagindo contra Washington, as repúblicas latinas conseguem que seja estabelecido um estatuto da União Pan-Americana, pág. 244.

3. *A revolução mexicana* 244

Um movimento nacional e social toma corpo entre as populações índias, pág. 244. — A revolução mexicana, pág. 245.

4. *A revolução económica e social da América Latina depois da guerra* 245

A evolução das repúblicas latinas da América é determinada pela composição da sua população, pág. 249. — Até 1914, a América Latina é dominada economicamente pela Europa, pág. 250. — A guerra dá aos Estados Unidos o predomínio económico e financeiro na América do Sul, pág. 250. A Colômbia e a Venezuela, depois dum período de tensão com os Estados Unidos, estabelecem com eles relações regulares, pág. 252. — O Peru, a Bolívia, o Equador e o Paraguai permanecem economicamente atrasados, não conseguindo estabelecer governos estáveis, pág. 253. — As repúblicas brancas da América do Sul alcançam grande desenvolvimento económico, pág. 257. — O desenvolvimento das repúblicas está na razão directa da importância da sua população branca e do seu carácter marítimo, pág. 258. — O Chile tenta estabelecer o regime parlamentar, pág. 259. — É estabelecido no Uruguai o parlamentarismo, pág. 260.

CAPÍTULO XIV — *O apogeu e as crises do «Commonwealth» britânico.*

1. *A segurança do Império, chegado ao apogeu, passa a depender da «entente» com os Estados Unidos* 261

O apogeu do Império britânico, pág. 261. — O sistema dos mandatos aumenta o Império britânico, pág. 262. — A universalidade do Império, pág. 262. — O poder naval dos Estados Unidos já não permite que a Inglaterra possua sozinho o domínio dos mares, pág. 263. — A Inglaterra vê-se obrigada a sacrificar a aliança japonesa à «entente» com os Estados Unidos, pág. 264.

2. *Evolução liberal do Império para o «Commonwealth»* 264

O Império transforma-se em «Commonwealth», pág. 264. — O estatuto de Westminster, pág. 265. — A estrutura do Império, pág. 267.

A Inglaterra perante o «Commonwealth» 268

O Canadá arrogou-se ainda antes do estatuto de Westminster todos os atributos da soberania, pág. 268. — A Austrália e a Nova Zelândia, nações livres, pág. 268. — O Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia aproximam-se dos Estados Unidos, pág. 269.

4. *A Irlanda separa-se da Inglaterra* 270

5. *As resistências ao Império na África* 270

O nacionalismo sul-africano, pág. 270. Os primeiros sintomas de resistência na África Negra, pág. 271.

6. *A Inglaterra reconhece a independência do Egipto, mas prende-o por uma «aliança»*

O Egipto reclama a independência e entra para a S. D. N., pág. 272.

7. *O nacionalismo progride na Índia*

O Império da Índia, cúpula do Império, evolui para o *self-government*, pág. 274. — O acto de 1935 dá uma constituição à Índia, pág. 276. — A Birmânia é separada da Índia, sendo-lhe concedida autonomia, pág. 276.

CAPÍTULO XV — *A França, metrópole dum grande Império colonial, envereda por uma política de hegemonia continental*

O Império colonial da França, pág. 278. — O movimento nacionalista no Norte de África, pág. 278. — O grande bloco das possessões francesas na África Negra, pág. 279. — Madagascar, pág. 280. — O movimento nacional na Indochina, pág. 280. — O Império francês é formado por protectorados e colónias, pág. 285. — A França tenta fazer da Síria uma espécie de domínio, pág. 286. — A diminuição do poderio marítimo da França torna a segurança do seu Império dependente da «entente» com as potências marítimas, pág. 286. — A política continental da França mostra-se difícil de harmonizar com a sua política de expansão colonial e marítima, pág. 287.

CAPÍTULO XVI — *As potências coloniais secundárias perante as grandes potências marítimas*

1. *A hegemonia inglesa domina a política colonial de Portugal e da Espanha* .

A sobrevivência do Império colonial português depende da marinha britânica, pág. 291. — A política colonial da Espanha é condicionada pela da Inglaterra, pág. 292.

2. *A independência e a prosperidade dos Países Baixos dependem da primazia das potências marítimas anglo-saxónicas*

O Império colonial da Insulíndia, pág. 292. — O despertar nacional da Insulíndia, pág. 294. — O poderio económico dos Países Baixos, pág. 295. — A independência da Holanda e a existência do seu Império colonial estão ligadas à primazia das potências anglo-saxónicas, pág. 296.

3. *A hegemonia inglesa impõe-se à Bélgica, que prouva ser o elo duma «entente» das potências ocidentais*

4. *A Itália, atraída pela ideologia autoritária para a aliança com a Alemanha, tenta criar um Império marítimo pelo seu afastamento das potências marítimas*

299

CAPÍTULO XVII — *O Próximo e o Médio Oriente perante as grandes potências coloniais*

1. *A ditadura de Ataturk faz da Turquia uma «nação» que rivaliza nos Balcãs e na Ásia Anterior com as grandes potências europeias*

A ditadura de Ataturk, pág. 303. — A Turquia empreende uma política de solidariedade balcânica, pág. 305. — A conferência de Montreux dá à Turquia o domínio dos Estreitos, pág. 305. — O pacto de Saadabad

303

- dá à Turquia papel dominante no Médio Oriente, pág. 305. — O nacionalismo de Ataturk tem como ob'ectivo integrar a Turquia na civilização ocidental, pág. 306.
2. *A Inglaterra vê-se obrigada a renunciar ao protectorado sobre a Pérsia e o Afeganistão*. 307
- A Pérsia liberta-se da tutela russa e inglesa e inicia a sua modernização, pág. 307. — Os petróleos do Irão continuam em poder da Inglaterra, pág. 308. — Os americanos apoderam-se de grande parte dos petróleos do Golfo Pérsico, pág. 309. — A Afeganistão cai na anarquia, pág. 309.
- O malogro do movimento pan-árabe no Próximo Oriente* 310
- Forma-se a ideia da unidade árabe, pág. 310. — Ibn Seud conquista a Arábia e faz dela um reino independente de pura tradição corânica, pág. 310. — A tentativa de unificação dos povos árabes na Liga Árabe, pág. 311. — A França, potência mandatária na Síria, pág. 312. — A Inglaterra separa a Jordânia da Palestina, pág. 312. — O Iraque e a Jordânia sob o mandato britânico, pág. 312. — A Inglaterra realiza o cerco da Arábia Saudita, pág. 313. — Os Estados Unidos apoderam-se dos petróleos da Arábia, pág. 313. — Londres tenta recuperar, por intermédio do Iraque, a influência sobre todo o Próximo Oriente, pág. 314. — O mandato francês sobre a Síria e o Líbano perante as ambições inglesas e turcas, pág. 314. — A França cede à Turquia o sandjak de Alexandreta, pág. 316. — O malogro da política francesa na Síria, pág. 317.
4. *As origens do Estado judaico da Palestina sob a égide da Inglaterra* 318
- O sionismo, pág. 318. — A Inglaterra obtém o mandato sobre a Palestina, pág. 319.

CAPÍTULO XVIII — *Os Estados Unidos opõem-se à hegemonia do Japão no Extremo Oriente*

1. *O imperialismo nipónico*. 321
- A génese do imperialismo nipónico, pág. 321. — O imperialismo japonês durante a guerra de 1914-1918, pág. 322. — Os Aliados convidam o Japão a intervir na Sibéria, pág. 323. — Tóquio tenta conservar na Sibéria as províncias marítimas, pág. 323. — Tóquio oferece a sua colaboração financeira e militar à China, mediante garantias na Manchúria, no Chantung e no Jéhol, pág. 324. — O tratado de Versalhes sacrifica a China ao Japão e cede-lhe as bases alemãs no Pacífico, pág. 324. — Tóquio empreende uma vasta política imperialista, pág. 325. — Na conferência de Washington os Estados Unidos põem um travão à expansão japonesa, pág. 326. — A evolução económica e social do Japão, pág. 328. — A evolução da política interna, pág. 329.
2. *A China perante o imperialismo nipónico*.
- Sun-Yat-Sen procura tirar a China do caos, organizando o *Kuomintang* segundo o modelo do partido comunista russo, pág. 330. — Os erros das potências ocidentais levam Sun-Yat-Sen a aproximar-se da Rússia soviética, pág. 331. — Chang-Kai-Chek cria as bases duma China nacionalista, pág. 333. — O *Kuomintang* rompe com a URSS e com o comunismo.

pág. 334. — A unificação da China, pág. 335. — O Japão elabora um grande plano para dominar a China e a Ásia, pág. 335. — O *Kuomintang* estabelece na China um regime autoritário inspirado no da U R S S, pág. 336.

IVRO VI

Malogra-se a tentativa de reconstruir a Europa segundo os principios do parlamentarismo

CAPÍTULO XIX — *A Europa procura reconstituir-se de harmonia com o principio das nacionalidades e o parlamentarismo*

Os países parlamentares, Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Suíça e países escandinavos, mantêm as suas instituições. 331

Nos países parlamentares, a classe operária resiste à corrente comunista, pág. 339. — O bloco nacional na França, pág. 343. — A fim de manter a solidariedade franco-belga, a França renuncia, a favor da Bélgica, à união económica com o Luxemburgo, pág. 345. — Lloyd George governa com o apoio duma coligação de conservadores e liberais, pág. 346. — A união nacional na Bélgica, pág. 347. — Nos países escandinavos mantêm-se a monarquia, embora os governos se tornem socialistas, pág. 348. — A Holanda, monarquia parlamentar, pág. 349. — A Suíça pratica uma política democrática conservadora, pág. 349.

2. *Apesar das instituições parlamentares criadas pela república, o Reich alemão oscila entre os extremos e volta ao nacionalismo* 350

A derrocada do absolutismo, pág. 350. — A Alemanha estabelece uma constituição parlamentar, pág. 351. — O golpe de Estado militar de Kapp, pág. 352. — A desvalorização da moeda e a concentração industrial, pág. 353. — A corrente nacionalista exacerba-se, pág. 355.

3. *A luta pró e contra as reparações domina as relações entre os Estados occidentais e o Reich.* 355

A Inglaterra e a França em desacordo acerca das reparações, pág. 355. — A política de Paris é dominada pela questão das reparações, pág. 356. — O ultimato de Londres à Alemanha, pág. 357. — A Alemanha é forçada a aceitar o plano das reparações, pág. 357. — Na Alemanha, o partido da resistência opõe-se à tentativa de aproximação franco-alemã de Rathenau e Briand, pág. 358. — A conferência de Cannes malogra-se devido à opposição da opinião francesa à política de Briand, pág. 359. — O malogro das conferências de Génova e de Haia, pág. 360. — Poincaré adopta uma política de firmeza em relação à Alemanha, pág. 360. — A Inglaterra, sofrendo de dificuldades internas e externas, nega-se a seguir uma política de coacção, pág. 361. — A Bélgica toma posição ao lado da França, pág. 362. — As tropas francesas e belgas ocupam o Rhur, pág. 362. — A desagregação do regime republicano de Weimar, pág. 363. — O separatismo renano é dominado com o auxílio dos Aliados, pág. 364. — A restauração da moeda alemã, pág. 365. — Poincaré é derrotado pelo cartel das esquerdas, pág. 365. — O socialista Ramsay Mac Donald constitui ministério, pág. 366. — O plano Dawes, pág. 367.

4. *Portugal e a Espanha, não conseguindo adaptar-se ao regime parlamentar, encaminham-se para a ditadura* 369

A ditadura militar em Portugal, pág. 369. — A Espanha caminha para a ditadura militar, pág. 369.

5. *A carência do parlamentarismo permite a vitória do fascismo em Itália . .* 370

As decepções da guerra provocam na Itália distúrbios sociais, pág. 370. — A carência do parlamentarismo, pág. 371. — O partido fascista apresenta-se como defensor da ordem, pág. 373. — Mussolini lança mão do poder, pág. 375. — O governo fascista, pág. 376. — O fascismo opõe aos princípios da liberdade individual e do parlamentarismo o autoritarismo e a preeminência do Estado, pág. 377.

6. *Todos os países de Leste e de Sudoeste da Europa tentam estabelecer regimes parlamentares baseados no sufrágio universal e empreendem uma política de reformas agrárias* 378

A República da Áustria adota o regime parlamentar, pág. 378. — A República checoslovaca adapta-se às instituições parlamentares, mas é entravada pelas numerosas minorias nacionais, pág. 380. — A Hungria mantém em princípio a monarquia e volta ao regime aristocrático anterior à guerra, pág. 382. — A República da Polónia estabelece uma constituição de modelo francês, mas não emancipa a população rural, pág. 383. — A Finlândia e os países bálticos adoptam o regime parlamentar, pág. 384. — Nos países bálticos faz-se uma larga reforma agrária, pág. 385. — Nos países balcânicos, a derrota conduz a Bulgária à ditadura. O rei restabelece as instituições parlamentares, pág. 385. — A dualidade da Sérvia é um obstáculo ao estabelecimento do regime parlamentar, pág. 386. — A lei agrária na Roménia, pág. 387. — A Grécia passa da monarquia à república, sendo momentaneamente dominada pela ditadura, pág. 387.

7. *Toda a Europa entra na era do sufrágio universal* 388

A extensão do sufrágio universal, pág. 388. — A Europa acha-se dividida em três zonas, de tradições políticas e sociais diferentes, pág. 392.

CAPÍTULO XX — *A tentativa de estabilização política e financeira da Europa por meio do pacto de Locarno e o plano Young (1925-1929)*

1. *O pacto de Locarno reintegra a Alemanha no concerto das potências* 394

A luta na Inglaterra entre os conservadores e os trabalhistas, pág. 394. — A França vê-se a braços com uma situação financeira desastrosa, pág. 395. — Na Bélgica, como na França, o franco também se acha gravemente ameaçado, pág. 396. — O plano Dawes restabelece a prosperidade económica da Alemanha e leva-lhe 30 biliões de francos-ouro de capitais estrangeiros, pág. 396. — O «centro direito», com Stresemann nos Negócios Estrangeiros, possui o domínio político, pág. 397. — O plano Stresemann propõe-se criar a Grande Alemanha, e alcançar a sua hegemonia na Europa, por meio da entente com a Rússia e a França, pág. 398. — A eleição de Hindenburgo para a presidência da República assinala a vitória do nacionalismo, pág. 398. — A Sociedade das Nações tenta estabelecer a prática duma legalidade e duma colaboração internacionais, pág. 399. — A comissão dos técnicos impõe às potências europeias a arbi-

tagem de Americanos, pág. 400. — A política de Briand e de Stresemann conduz ao pacto de Locarno, pág. 401. — Os acordos de Locarno assinalam o triunfo da política nacionalista de Stresemann, pág. 402.

2. *As potências depois do pacto de Locarno*

Normalização do movimento económico, pág. 403. — A indústria alemã é posta sob o controle do Estado, pág. 403. — A Alemanha reconstitui clandestinamente o seu exército, pág. 404. — O Reich entre as forças opostas do nacionalismo e do socialismo, pág. 405. — Na Inglaterra, a concorrência alemã provoca graves conflitos sociais, pág. 407. — A situação financeira não permite à França uma política estável, pág. 409. — Poincaré estabiliza o franco, pág. 409.

3. *O plano Young e a evacuação antecipada da Renânia*

A Alemanha sabota a execução do plano Dawes, pág. 411. — O plano Young reduz ainda mais as reparações, comercializando-as, pág. 412. — Os Estados Unidos recusam-se a aceitar um reajustamento das dívidas de guerra aliadas, pág. 413. — O Reno é evacuado cinco anos antes da data prevista pelo tratado de Versalhes, pág. 413.

LIVRO VII

*A corrente autoritária avassala a Europa e a América,
favorecida pela crise económica de 1929*

CAPÍTULO XXI — *A ditadura do partido comunista organiza a Rússia segundo os princípios autoritários do colectivismo estatista*

1. *O período da N. E. P. (1922-1927)*

A destruição do antigo regime suscita uma crise económica que põe a revolução em perigo, pág. 415. — Lenine estabelece o regime transitório da Nova Economia Política (N. E. P.), pág. 416. — A morte de Lenine e a crise do regime, pág. 417. — Staline instaura a ditadura em nome do partido comunista, pág. 418. — A URSS estabiliza a moeda e organiza o seu sistema financeiro, pág. 418. — A indústria, a organização operária e a agricultura, pág. 419. — A constituição de 1924, pág. 420. — O partido comunista, pág. 421. — O Código Civil soviético, pág. 421. — A separação da Igreja e do Estado e a luta contra a religião, pág. 421. — A URSS esforça-se por regularizar as suas relações com o estrangeiro, pág. 422. — Negociações com o alto capitalismo internacional, pág. 422. — O petróleo nas relações entre a URSS, o Japão e os Estados Unidos acerca da ilha Sacalina, pág. 424. — A URSS retoma o seu lugar na vida internacional, pondo de parte, em relação ao Ocidente, a sua atitude revolucionária, pág. 424. — Os Sovietes promovem no Oriente uma política imperialista, apoiada no nacionalismo, pág. 425.

2. *A ditadura de Staline sobrepõe ao colectivismo um estatismo autoritário mitigado pela pequena propriedade rural e o lucro individual*

Sob a ditadura de Staline, a Rússia adopta um colectivismo construtivo organizado pelo primeiro plano quinquenal, pág. 426. — A estatização do comércio, pág. 427. — A industrialização nacionalizada é confiada

a técnicos estrangeiros e racionalizada segundo os métodos americanos, pág. 427. — Por carência de capitais, os Sovietes impõem à população um trabalho intensivo e pesados sacrifícios, pág. 428. — A instalação dos campos de trabalho forçado, pág. 429. — A sovietação da agricultura, pág. 430. — À socialização da terra substitui-se o regime cooperativo dos kolkoses. É estabelecida a pequena propriedade rural, pág. 431. — O kolkhoz continua a tradição russa do «mir», pág. 432. — O segundo plano quinquenal restabelece o lucro individual e é acompanhado por um autoritarismo social implacável, pág. 433. — Acalmia e terrorismo, pág. 433. — O regime renuncia à igualdade e abandona o carácter revolucionário, pág. 435. — A constituição de 1936 baseia-se nos princípios democráticos, pág. 436. — A constituição restabelece a propriedade privada e o direito à herança, pág. 437. — A onipotência do partido substitui-se à soberania nacional e anula as liberdades garantidas pela constituição, pág. 438. — A função «dogmática» do partido dentro do regime, pág. 438. — A composição social e o regime da propriedade, pág. 439. — O regime do trabalho, pág. 440. — Os trabalhadores reivindicam mais liberdade e o abrandamento da autoridade do Estado, pág. 440. — A URSS torna-se uma grande potência económica, pág. 441. — A imensa expansão da Rússia na Sibéria, pág. 443. — A Sibéria, ponto de partida do imperialismo russo para a Ásia, pág. 445. — O desenvolvimento da Sibéria dá imenso prestígio à URSS em toda a Ásia, pág. 445. — A formação duma nova classe dirigente e o papel da instrução, pág. 446. — A literatura e a arte perante a revolução, pág. 448.

CAPÍTULO XXII — *O fascismo sujeita a Itália a uma ditadura nacionalista*

451

O autoritarismo fascista é directamente influenciado pelos métodos comunistas, pág. 451. — O fascismo não foi terrorista, pág. 452. — A doutrina do nacionalismo fascista, pág. 453. — As instituições fascistas, pág. 454. — O partido, pág. 455. — A propaganda e o enquadramento da juventude, pág. 457. — O corporativismo, pág. 457. — A carta do trabalho, pág. 458. — O corporativismo substitui o parlamentarismo, pág. 459. — O Conselho Nacional das corporações, pág. 459. — A política económica e monetária do fascismo conserva-se liberal até 1930, pág. 460. — O fascismo lança a Itália numa política estrangeira imperialista e nacionalista, pág. 461. — Mussolini reconcilia a Itália com a Igreja, pág. 464. — As ideologias internas afastam Paris e Londres de Roma, dividindo as potências ocidentais em face da Alemanha, pág. 465.

CAPÍTULO XXIII — *A crise económica e financeira de 1929, acentuando o nacionalismo económico, restringe a liberdade das trocas*

1. *A reconstrução económica depois da guerra*

466

O restabelecimento demasiado rápido da liberdade e o fim da solidariedade económica e financeira dos Aliados prejudicam a França e a Bélgica, pág. 466. — A crise monetária e o padrão-ouro, pág. 467. — A Europa ultrapassa o seu nível de produção de 1913, sem recuperar a posição que tinha antes da guerra na economia mundial, pág. 468. — O boom americano, pág. 469. — O recuo do liberalismo, pág. 471.

2. *A crise de 1929*
 A crise estende-se ao mundo inteiro, pág. 472. — A crise dos Estados Unidos, pág. 474. — A Inglaterra abandona o padrão-ouro, pág. 474. — As medidas de protecção aduaneira e financeira desorganizam a vida económica internacional, pág. 475. — Hoover propõe uma moratória geral, pág. 476.

3. *A crise suscita nos Estados Unidos a corrente antiliberal do New Deal, que se malogra*

Hoover tenta em vão restabelecer a situação económica, pág. 477. — Franklin Roosevelt inicia uma política de dirigismo económico, pág. 477. — O Supremo Tribunal condena o New Deal, pág. 480. — A recuperação económica dá-se sob o signo do liberalismo, pág. 481. — A suspensão do pagamento das reparações e das dívidas à América, resultante da crise, reforça o isolacionismo dos Estados Unidos, pág. 481. — As eleições de 1936 mantêm Roosevelt na presidência, pág. 482. — O dirigismo reformista de Roosevelt é posto em cheque dentro do seu próprio partido, pág. 483.

4. *As repercussões da crise nos países do Mar das Antilhas*

O México nacionaliza as empresas petrolíferas, pág. 483. — A tendência autoritária e nacionalista na América Central e nas Antilhas, pág. 484. — O reformismo social na Colômbia e na Venezuela, pág. 486.

Em toda a América do Sul, a crise suscita um movimento democrático que provoca diversas revoluções em sentidos diversos

No Brasil estabelece-se um governo de tendência autoritária, nacionalista e socialista, pág. 487. — A crise financeira lança novamente a Argentina na guerra civil, pág. 488. — No Chile instala-se no poder um governo de esquerda, pág. 488. — No Uruguai estabelece-se um governo autoritário, pág. 488. — O Paraguai disputa o Chaco à Bolívia, pág. 489. — Nos Estados do Pacífico onde os brancos são minoria dominam ditaduras de tendência nacionalista e democrática, pág. 489.

CAPÍTULO XXIV — *Em resultado da falta de solidariedade entre as grandes potências ocidentais, o tratado de Versalhes desagrega-se em benefício da Alemanha, onde se impõe, favorecida pela crise económica, a ditadura nacional-socialista*

I — *Os efeitos da crise na Alemanha e nos países parlamentares do Ocidente*

1. *A agonia da República de Weimar*

A Alemanha encaminha-se para o nacionalismo e militarismo, pág. 492. — A política alemã tende para a anexação da Áustria e a constituição da *Mittleuropa*, pág. 493. — A crise económica conduz à estatização da economia alemã, pág. 495. — Brüning perde a batalha pela defesa da república, pág. 496.

2. *Sob a influência da crise, a Inglaterra põe de parte o liberalismo económico*

A crise toma graves proporções, pág. 497. — A Inglaterra abandona o padrão-ouro e o livre-câmbio, pág. 498.

3. *A crise económica é acompanhada por movimentos de dissidência no Império* 499
- Chipre reivindica a sua integração na Grécia, e Malta uma constituição, pág. 499. — O nacionalismo progride no Egipto, pág. 499. — A Índia reclama a independência, pág. 500. — Arruinando os pequenos proprietários, a crise suscita entre a população da Birmânia a hostilidade contra a Inglaterra, pág. 500. — Na África do Sul, o partido «nacionalista purificado» reclama a independência, pág. 501. — A conferência de Otava transforma o Império num *Commonwealth* erigido em zona aduaneira protegida, pág. 501. — Ressurge a questão irlandesa, pág. 502.
- A crise provoca, por ricochete, a desorientação política na França* 502
- A França, poupada pela crise, sofre o ricochete da moratória Hoover e da desvalorização da libra esterlina, pág. 502. — O fim da política de entendimento com a Alemanha, pág. 503.
5. *O recuo do liberalismo nos pequenos países parlamentares* 504
- Nos pequenos países parlamentares que tinham permanecido neutrais durante a guerra o socialismo progride, tornando-se partido governamental, pág. 504. — Na Bélgica, a mística do nacionalismo linguístico põe em cheque o liberalismo, pág. 504.
6. *Os países ocidentais permanecem fiéis ao parlamentarismo e ao humanismo* 506
- Os antigos países parlamentares permanecem fiéis às suas instituições tradicionais, pág. 506. — Os partidos socialistas pronunciam-se contra o autoritarismo, e a favor das instituições tradicionais, pág. 506.

II Os efeitos da crise sobre a política internacional

- A conferência de Lausana acaba com o pagamento das reparações e, por ricochete, com o das dívidas interaliadas* 507
- A Alemanha conduz o jogo, pág. 507. — A conferência de Lausana suprime as reparações, pág. 508. — O mal entendido do litígio das reparações, pág. 508. — A supressão das reparações impede os Estados devedores dos Estados Unidos de satisfazer os seus compromissos, pág. 509. — A questão das dívidas torna tensas as relações entre a Europa ocidental e os Estados Unidos, cujo neutralismo se acentua ainda mais, pág. 510. — A Alemanha abandona a conferência do desarmamento, pág. 511. — Hitler repudia o tratado de Versalhes, mas aceita o pacto de Locarno, pág. 511.
2. *O insucesso dos planos para o restabelecimento da liberdade das trocas e dos projectos de desarmamento* 512
- Põe-se o problema do desarmamento, pág. 512. — A conferência naval de Londres, pág. 513. — O pacto Briand-Kellogg considera a guerra fora da lei, pág. 513. — A conferência do desarmamento concede à Alemanha a igualdade de direitos, pág. 514. — O *Commonwealth* britânico faz malograr-se a convenção económica de Ouchy, pág. 515. — Os Estados Unidos fazem malograr-se a conferência económica de Londres, pág. 516.

CAPÍTULO XXV — *A ditadura nacional-socialista na Alemanha**O triunfo do hitlerismo*

Do governo de von Papen até à ascensão de Hitler a chanceler, pág. 518. — Hitler substituí pela força à constituição de Weimar um regime autoritário e policial, pág. 519. — As eleições de Março de 1933 dão a Hitler maioria no Reichstag, pág. 520. — Política anti-semita, pág. 520. — A unificação da Alemanha, pág. 521. — O partido nacional-socialista, partido único, confunde-se com o Estado, pág. 521. — A luta contra a oposição por meio do terrorismo, pág. 521. — O governo é substituído pelo triunvirato Hitler-Goering-Goebbels, pág. 521. — Hitler anuncia uma política imperialista que ameaça directamente a França, pág. 522. — O povo alemão plebiscita Hitler, pág. 522. — O Reich cria um exército ofensivo e a França prepara a sua defesa, pág. 522. — A depuração maciça do partido em Junho de 1934, pág. 523. — Hitler concentra em si as funções de chanceler e de presidente do Reich, pág. 523.

2. *O regime nacional-socialista.*

A ideologia pessimista formada sob o regime de Weimar preparou o nacional-socialismo, pág. 524. — O hitlerismo continua a corrente da evolução hegeliana e pangermanista, pág. 525. — A filosofia existencialista, pág. 527. — A génese da doutrina nacional-socialista, pág. 529. — A efectivação da doutrina, pág. 532. — O nacional-socialismo não é uma revolução social; o seu objectivo é impor à sociedade uma mentalidade racista, pág. 533. — Economia dirigida e frente do trabalho, pág. 535. — A economia nazi, pág. 536. — Para financiar a sua economia, o III Reich recorre a métodos de inflação disfarçada, pág. 537. — Os objectivos imperialistas do nazismo, pág. 539. — O comunismo, o nazismo e o fascismo baseiam, em ideologias diferentes, ditaduras autoritárias e dogmáticas, pág. 541.

CAPÍTULO XXVI *A corrente autoritária espalha-se pela Europa*

— *Na Itália, a crise mundial conduz o fascismo a trocar o liberalismo económico pelo dirigismo estatista.*

O fascismo conserva a liberdade económica, pág. 543. — A crise mundial orienta o fascismo para o dirigismo económico, pág. 543.

II *A expansão da corrente autoritária na Europa*

Em Portugal, Salazar transforma a ditadura militar numa ditadura católica, antiliberal, nacional e corporativa. 545

Na Espanha é instituído o regime republicano 547

O renascimento intelectual na Espanha, pág. 547. — A queda da monarquia, pág. 548. — A instauração da república liberal, pág. 548. — A constituição de 1931 instaura uma república federalista e socialista, pág. 549.

A Checoslováquia, fiel ao regime parlamentar, tenta integrar as minorias acordo com o espírito liberal. 549

4. *A Áustria torna-se um Estado autoritário, corporativo e católico* 550
- A luta entre cristãos-sociais e socialistas impede o estabelecimento dum regime parlamentar, pág. 550. — Dollfuss estabelece um regime autoritário, corporativo e católico, pág. 552.
5. *O estabelecimento de ditaduras na Polónia e nos países bálticos* 553
- A Polónia troca o parlamentarismo por um regime autoritário, pág. 553. — A ditadura de Pilsudski, pág. 553. — A ditadura nos países bálticos, pág. 554.
6. *Os países balcânicos entram em regime de ditadura* 555
- O rei Alexandre impõe na Jugoslávia a sua autoridade pessoal, pág. 555. — A Bulgária repele o parlamentarismo e estabelece um regime autoritário, pág. 556. — Na Roménia, os liberais, apoiados pelo rei, resistem ao movimento nacional-socialista, pág. 557. — Na Grécia, a república, incapaz de instalar o parlamentarismo, permite a ditadura de Venizelos, pág. 558. — A opinião pública impõe a restauração da monarquia, pág. 558. — O Rei Jorge II tenta restabelecer as instituições liberais, mas o irredutível antagonismo dos partidos conduz à ditadura de Metaxas, pág. 559. — À excepção dos antigos países parlamentares, todas as nações da Europa continental adoptam regimes autoritários, pág. 559.

CAPÍTULO XXVII—*A Europa não consegue unir-se para defrontar a ameaça hitleriana.*

560

O hitlerismo torna impossível que se estabeleça na França um governo estável, pág. 560. — Mussolini tenta criar um directório europeu, propondo um pacto dos quatro, pág. 561. — A Pequena Entente e as nações balcânicas reagem contra o pacto dos quatro, pág. 561. — A URSS assina um pacto de não-agressão com todos os seus vizinhos, à excepção da Finlândia, pág. 562. — A Polónia afasta-se da França, aproximando-se da Alemanha, pág. 562. — Mussolini assina um acordo tripartido com a Áustria e a Hungria, pág. 563. — A França vive numa atmosfera de «massacre» de ministérios e de escândalos político-financeiros, pág. 563. — Mussolini impede a Alemanha de anexar a Áustria, pág. 564. — A França aproxima-se da URSS, à qual faz ingressar na S. D. N., pág. 565. — A tentativa francesa de juntar os países adversos à revisão dos tratados malogra-se devido ao assassinio em Marselha de Alexandre da Jugoslávia, pág. 565. — Laval realiza a aproximação com a Itália, pág. 566. — O plebiscito previsto pelo tratado de Versalhes reintegra o Sarre na Alemanha, pág. 566. — A Alemanha restabelece o serviço militar obrigatório, pág. 566. — A Inglaterra tenta em vão negociar com o Reich, prometendo-lhe colónias, pág. 567. — A conferência de Stresa, convocada por Mussolini, estabelece uma frente da Itália, Inglaterra e França, pág. 567. — Dois pactos de garantia assinados pela URSS com a França e a Checoslováquia completam, a Leste, a «Frente de Stresa», pág. 567. — Agrava-se a crise política e financeira francesa, pág. 567. — A Inglaterra inverte todo o sistema internacional edificado depois da guerra, assinando com a Alemanha um acordo naval em violação dos tratados, pág. 568.

LIVRO VIII

*O imperialismo dos países autoritários precipita o mundo
numa série de crises que o conduzem à guerra*

CAPÍTULO XXVIII — *A política imperialista do Japão na China*

1. *O Sião torna-se uma monarquia constitucional, e procura reconquistar os territórios cedidos à França em 1907*
2. *O Japão cria o Estado vassalo do Manchukuo e pretende impor a sua «colaboração» à China*

O partido militar volta ao poder, pág. 573. — O Japão aproveita-se da desordem reinante na China para intervir na Manchúria, pág. 573. — A criação do Manchukuo, Estado vassalo do Japão, pág. 574. — O Japão abandona a S. D. N., pág. 575. — O partido nacionalista exige uma política armamentista, pág. 576. — A crise económica fortalece o imperialismo nipónico, pág. 576. — O imperialismo conduz o Japão à economia dirigida, pág. 577. — Tóquio procura impor a sua «colaboração» exclusiva à China, pág. 577. — O imperialismo nipónico provoca um movimento irridentista no Sião, pág. 579.

CAPÍTULO XXIX — *A conquista da Etiópia por Mussolini e a reocupação militar da Renânia por Hitler provocam a derrocada da S. D. N.*

1. *A conquista da Etiópia põe a Itália em conflito com a S. D. N. e as potências ocidentais* 580

A Itália prepara uma vasta política imperialista tendo como objectivo a Etiópia, pág. 580. — A guerra da Etiópia provoca as sanções da Sociedade das Nações, pág. 582. — A opinião pública inglesa pronuncia-se a favor das sanções, pág. 583. — Na França, a questão das sanções provoca a queda do ministério Laval, pág. 583. — A vitória da Frente Popular suscita a guerra civil na Espanha, pág. 584.

2. *Hitler, passando por cima do pacto de Locarno, ocupa militarmente a Renânia.* 584

Sem que as potências ocidentais reajam, Hitler ocupa a Renânia, pág. 584. — O rearmamento conduz a Alemanha a uma autarquia estatista, pág. 586. — As eleições de Abril de 1936 dão a vitória à Frente Popular francesa, pág. 586.

3. *A Itália fascista põe em cheque as potências ocidentais e provoca a derrocada da S. D. N.* 587

Apesar das sanções, a Itália completa em Maio de 1936 a conquista da Etiópia, pág. 587. — A derrocada da S. D. N., pág. 587. — A guerra e as sanções conduziram a Itália à autarquia estatista, pág. 587. — A Itália aproxima-se da Alemanha, à qual se liga por um pacto secreto, pág. 588.

CAPÍTULO XXX — *A guerra civil espanhola divide a Europa em dois campos ideológicos antagónicos e suscita a formação do eixo Roma-Berlim e do pacto anti-Komintern, realizado o qual o Japão empreende a luta contra a China* 590

Franco impõe à Espanha a sua ditadura.

A República Espanhola sossobra na guerra civil, pág. 590. — Franco proclama se chefe supremo do Estado espanhol, pág. 591. — A intervenção de Roma e de Berlim na Espanha é o prelúdio do grande plano fascista contra o comunismo em toda a Europa, pág. 592.

A França e a Inglaterra adoptam em relação à Espanha uma política de não-intervenção 592

Ao ter início a guerra civil de Espanha, a Frente Popular empreende, na França, uma política de reformas sociais, pág. 592. — Os comunistas precipitam a França numa agitação revolucionária, pág. 593. — Novas dificuldades económicas e financeiras, pág. 593. — A Inglaterra prepara-se para o rearmamento, pág. 594. — A Europa perante a guerra civil de Espanha, pág. 595. — Londres adopta uma atitude de não-intervenção que Paris põe também em prática, pág. 595. — A Europa divide-se segundo o slogan «Berlim ou Moscovo», pág. 596.

3. *A constituição do Eixo Roma-Berlim e do pacto anti-Komintern* 598

O Eixo Roma-Berlim põe a Itália na esteira da Alemanha, pág. 598. — Londres e Paris tentam uma aproximação com Roma, pág. 599. — Hitler assina um pacto anti-Komintern com o Japão, pág. 599. — A «não-intervenção» transforma-se em guerra internacional, pág. 600. — Eduardo VIII, que acaba de suceder a Jorge V, abdica em favor do irmão, pág. 600. — Estabece-se um plano internacional de controle, no qual a URSS tem importante participação, pág. 601. — A Itália adere ao pacto anti-Komintern, pág. 601.

4. *O fim da S. D. N. e a desagregação das alianças francesas no continente. .* 602

O fim da S. D. N., pág. 602. — Dada a impotência das grandes nações, a Bélgica volta a uma política independente, pág. 602. — A Jugoslávia aproxima-se da Itália, pág. 603. — A pequena entente desagrega-se, pág. 604. — O malogro da política francesa de alianças a Leste, pág. 604.

5. *Para contrabalançar o pacto anti-Komintern, a URSS aproxima-se da China, enquanto o Japão, acusando a China de ceder à pressão comunista, empreende a guerra para lhe impor o seu protectorado* 605

Ameaçada pelo Japão, a URSS impõe aos comunistas chineses a reconciliação com Chang-Kai-Chek, pág. 605. — Em Tóquio, o partido da guerra toma conta do poder, pág. 605. — O Japão empreende a guerra contra a China, pág. 606.

CAPÍTULO XXXI — *O declínio da hegemonia norte-americana, a desorientação da Europa e o renascer do imperialismo russo*

1. *Diminui a influência internacional dos Estados Unidos* 607

Nos Estados Unidos nova crise põe a grande indústria em luta com o presidente Roosevelt, pág. 607. — Roosevelt tenta a aproximação dos Estados Unidos com as potências parlamentares, pág. 608. — A ameaça de

guerra europeia põe termo à crise e confirma os Estados Unidos na sua atitude de não-intervenção, pág. 608. — O panamericanismo deixa de ser um instrumento de imperialismo dos Estados Unidos, passando a constituir a base duma sociedade das repúblicas americanas, pág. 609. — A união panamericana assenta no espírito liberal e pacífico, pág. 610. — Enfraquecimento da hegemonia norte-americana, pág. 611. — Considerações sobre o carácter do imperialismo norte-americano, pág. 612.

2. *A França e a Inglaterra desunidas perante a Alemanha*

As dificuldades internas da França, pág. 615. — As dificuldades da França no Norte de África, pág. 616. — A Inglaterra, dominada pelas preocupações coloniais, deseja a paz, pág. 617. — Londres tenta negociar com Berlim, pág. 618.

3. *A URSS regressa ao concerto das potências como elemento essencial do equilíbrio europeu*

A evolução da política externa da URSS, pág. 619. — A URSS retoma a política dos czares no Extremo Oriente, pág. 621. — A URSS reaparece como grande potência nas conferências internacionais, pág. 621. — Os Sovietes criam um exército poderoso, pág. 622. — A «depuração» dos quadros dá a Staline um poder sem limites, pág. 622. — As eleições de 1937 confirmam os poderes ditatoriais de Staline, pág. 623. — Nova depuração em Março de 1938, pág. 624.

CAPÍTULO XXXII — *A Alemanha desencadeia a guerra a fim de dar à raça germânica o domínio da Europa e o predomínio mundial*

A política externa do Reich, pág. 625. — Hitler prepara-se para agir, pág. 626. — A anexação da Áustria (13 de Março de 1938), pág. 627. — A Polónia impõe à Lituânia o restabelecimento de relações normais com ela, pág. 628. — Enquanto a Alemanha anexa a Áustria, a França continua sujeita a crises ministeriais permanentes, pág. 628. — A Inglaterra procura aproximar-se da Itália, pág. 629. — Levantando a questão dos Sudetas, Hitler leva a Inglaterra a aproximar-se da França, pág. 629. — O território dos Sudetas é cedido à Alemanha pelo acordo de Munique, pág. 630. — O desmembramento da Checoslováquia, pág. 632. — A Inglaterra descarta a sua preparação para a guerra iminente, pág. 633. — Na França, os partidos da extrema esquerda negam-se a apoiar a política financeira do governo, pág. 634. — As perseguições racistas assumem carácter agudo na Alemanha, enquanto surgem também na Itália, pág. 634. — A Alemanha na iminência da bancarrota, pág. 635. — Bonnet e von Ribbentrop assinam uma declaração de «boa vizinhança», pág. 635. — A Itália formula reivindicações contra a França, pág. 635. — Chamberlain tenta estabelecer um acordo com a Itália, pág. 636. — A França e a Inglaterra reconhecem o governo de Franco, que organiza a Espanha segundo os princípios fascistas, pág. 636. — A Hungria adere ao pacto anti-Komintern, pág. 637. — O Reich levanta a questão de Danzig e do corredor polaco, embora estreitando os seus laços com Varsóvia, pág. 637. — Violando os acordos de Munique, o Reich anexa a Boémia-Morávia e reduz à servidão a Eslováquia, pág. 638. — A Hungria ocupa a Ruténia, pág. 639. — O Reich impõe à Lituânia a entrega de Memel,

pág. 639. — O Reich apodera-se dos recursos económicos da Roménia, pág. 639. — A URSS anuncia a revisão da sua política, pág. 640. — Pio XII é eleito papa apesar da oposição da Itália, pág. 642. — A Itália ocupa a Albânia, da qual Víctor Manuel se torna rei, pág. 642. — Os Estados Unidos hesitam entre a neutralidade e o apoio às nações ocidentais, pág. 643. — O malogro da política de Munique, pág. 644. — Invertendo a sua política, a Inglaterra e a França garantem a independência das nações ameaçadas pelo imperialismo alemão, pág. 645. — A Alemanha e a Itália fazem uma aliança militar a fim de garantirem o seu «espaço vital», pág. 646. — O Reich inicia contra a Polónia as provocações pág. 647. — A Hungria nega-se a fazer guerra à Polónia, pág. 647. — A Itália procura livrar-se de intervir na guerra, pág. 648. — As potências ocidentais procuram estabelecer um acordo militar com a URSS, enquanto esta negocia secretamente com Berlim, pág. 648. — A URSS torna pública a inversão da sua política, assinando um acordo com a Alemanha, pág. 650. — Invadindo a Polónia, Hitler provoca a declaração de guerra da Inglaterra e da França à Alemanha, pág. 651.

LIVRO IX

*Nova era histórica se prepara*CAPÍTULO XXXIII *O liberalismo perante o autoritarismo*

O liberalismo, deixando de se caracterizar como ideologia universal, afirma-se como expressão da civilização dos povos ocidentais somente . . .

653

O liberalismo deixa de se caracterizar como ideologia de valor universal, pág. 653. — A ideologia marxista pretende substituir, como valor universal, a ideologia liberal, pág. 654. — As grandes crises de autoritarismo na Itália, na Alemanha e na Espanha, pág. 656. — Todos os países da Europa Central e Oriental trocam o parlamentarismo pela ditadura, pág. 658. — A corrente liberal permanece vivaz, pág. 658. — O liberalismo, princípio basilar da civilização marítima, pág. 659.

A democracia dogmática e autoritária opõe-se à democracia liberal. .

659

O humanismo é posto de parte pelo comunismo, o racismo e a mística nacionalista, pág. 659. — As ideologias totalitárias dão origem à noção de democracia popular, dogmática e autoritária, pág. 661. — Todas as monarquias absolutas deram lugar a ditaduras, pág. 662. — Todos os países liberais da Europa, à excepção da França e da Suíça, permaneceram monarquias constitucionais, pág. 662.

3. *O abandono do liberalismo divide o mundo em zonas de liberalismo, de estatismo e de dirigismo*

663

O recuo do liberalismo no plano económico, pág. 663. — O recuo do liberalismo económico favorece o nacionalismo, pág. 665. — O imperialismo económico das grandes companhias financeiras, pág. 667. — No plano económico, o mundo divide-se em zonas de liberalismo, de estatismo e de

dirigismo, pág. 668. — O fim da liberdade da imigração cria graves problemas internos e internacionais, pág. 669. — O abandono do liberalismo económico desorganiza a economia mundial e provoca a instabilidade das relações internacionais, pág. 669.

4. *A crise do liberalismo nos países liberais*

A crise da liberdade individual, pág. 670. — Uma oligarquia de políticos profissionais domina a vida política, pág. 671. — Os sindicatos operários constituem um poderio que se impõe à política, pág. 672. — O socialismo ocidental retorna ao humanismo, pág. 673. — O individualismo adapta-se ao princípio da solidariedade social, pág. 673. — A decadência da classe média, pág. 674. — A transformação da condição da mulher, pág. 675. — O desenvolvimento do materialismo, pág. 675. — O retrocesso da liberdade de pensamento, pág. 676. — O desaparecimento da crença na liberdade individual assinala o fim duma era histórica, pág. 677.

A reacção do sentimento religioso perante a crise do humanismo

A Igreja, separada do Estado, alarga a sua acção a todas as manifestações da vida política e social, pág. 677. — A influência da religião católica sobre o pensamento político e filosófico diminui pelo facto de se ter tornado essencialmente uma religião de salvação, pág. 679. — Os países da Europa Central rejeitam o ecumenismo e criam Igrejas nacionais, pág. 680. — As tendências «liberais» no seio do protestantismo, pág. 680. — Perante a vaga de autoritarismo nacionalista, Pio XI procura salvaguardar a independência da Igreja católica, pág. 681. — O Vaticano condena o nacionalismo, pág. 682. — A oposição da Santa Sé ao racismo, pág. 683. — Pio XI perante o comunismo, pág. 684. — A Igreja condena os regimes totalitários e proclama-se defensora da consciência individual e da liberdade humana, pág. 684. — A expansão do cristianismo parece fazer corpo com a da Europa, pág. 686.

CAPÍTULO XXXIV — *O movimento das ideias entre as duas guerras mundiais*

1. *A ciência afasta-se do determinismo mecanicista e adopta, no plano filosófico, a noção de individualismo.*

O transformismo, que tão profundamente influenciara o pensamento da segunda metade do século XIX, é posto de parte, pág. 688. — As descobertas biológicas conduzem ao abandono do darwinismo e abrem o caminho à teoria das mutações, pág. 690. — A revolução da concepção da matéria, pág. 691. — O estudo do átomo conduz à concepção da unidade da matéria, pág. 693. — A descoberta da força atómica, pág. 693. — A ciência formula uma nova visão do universo, pág. 694. — O mundo da matéria e o das radiações identificam-se, pág. 695. — A ciência reconhece, no plano filosófico, a noção de valor criador do individuo, pág. 696. — A universalidade da ciência, pág. 697. — O escol intelectual concentra-se nos países liberais, pág. 698. — A electricidade torna-se o motor do mundo moderno, pág. 698. — A ciência penetra todos os aspectos da vida, pág. 699.

2. *A evolução das letras e das artes*

A crise da filosofia, pág. 699. — A renovação do catolicismo, pág. 700. — O valor da pessoa humana, pág. 701. — A história torna-se a ciência do conhecimento do homem vivendo em sociedade, pág. 701. — As múltiplas tendências da literatura, pág. 702. — O carácter cosmopolita da literatura, pág. 704. — As tendências gerais da arte e da literatura, pág. 704. — A reacção anti-humanista da pintura, pág. 705. — A escultura manifesta tendências idênticas às da pintura, mas a concepção clássica predomina, pág. 708. — Caracteres gerais das artes plásticas, pág. 708. — Forma-se um estilo moderno que dá um carácter clássico à arquitectura, pág. 709. — A música, pág. 712 — O cinema, pág. 712.

CONCLUSÃO

*O mundo transforma-se sem compreender a evolução
em que é arrastado*

O poderio económico ganho pela Alemanha, pela Rússia e pelo Japão põe em perigo a hegemonia das potências marítimas liberais do Ocidente, pág. 714. — A primeira ofensiva nipónica contra a hegemonia ocidental, pág. 716. — A Alemanha levanta-se em 1914 contra o espírito da civilização ocidental, que é banido da Rússia pela revolução de 1917, pág. 717. — Estabelece-se uma civilização anti-individualista oposta ao liberalismo, pág. 717. — O malogro do tratado de Versalhes assinala o fim do universalismo da civilização ocidental, pág. 717. — O mundo partilha-se em zonas liberal, autoritária e mista, na qual liberalismo e autoritarismo se degladiam, pág. 718. — As ideologias autoritárias prevalecem sobre o liberalismo decadente, pág. 718. — O mundo precipita-se na guerra sem dar conta da crise histórica que ela representa, pág. 719.

ÍNDICE DOS MAPAS	721
ÍNDICE DAS MATÉRIAS	723

